

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ-UESPI
CAMPUS ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM NORMAL SUPERIOR

CLEITON JUNIO SILVA MONTEIRO

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: NA LEITURA E ESCRITA
NAS SÉRIES INICIAIS**

PARNAÍBA
2011

Biblioteca UESPI - PHB
Registro Nº _____
CDD _____
CUTTER _____
V _____ EX _____
Data _____/_____/_____
Visto _____

CLEITON JUNIO SILVA MONTEIRO

**DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM: NA LEITURA E ESCRITA
NAS SÈRIES INICIAIS**

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Normal Superior, como pré-requisito para obtenção do título de Licenciatura em Normal Superior, sob a Orientação do Professor Esp. Luiz Alves de Souza Junior.

PARNAÍBA

2011

CLEITON JUNIO SILVA MONTEIRO

**DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM: NA LEITURA E ESCRITA
NAS SÉRIES INICIAIS.**

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Normal Superior, como pré-requisito para obtenção do título de Licenciatura em Normal Superior, sob a Orientação do Professor Esp. Luiz Alves de Souza Junior.

APROVADA EM: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA:

Luiz Alves de Souza Junior
Professor Orientador: Luiz Alves de Souza Junior.

Universidade Estadual do Piauí-UESPI

Maria da Conceição do Nascimento Sousa
Examinador(a) externo

Ana Paula de Souza Silva
Examinador(a) interno(a) /Instituição

Catálogo na Fonte
Setor de Processos Técnicos da Biblioteca Central - UESPI

M771d MONTEIRO, Cleiton Junio Silva

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: Na Leitura e
Escrita nas Séries Iniciais./Cleiton Junio Silva Monteiro –
Parnaíba, 2011.

38p.

Monografia Apresentada ao Curso de Licenciatura
Plena em Normal Superior – Universidade Estadual do Piauí,
2011.

Orientador - Prof: Luiz Alves de Souza Júnior.

01.Dificuldade, 02. Aprendizagem, 03. Leitura, 04. Escrita.

CDD – 373.27

DEDICATÓRIA

Dedico o presente trabalho; primeiramente a Deus onde sempre confio meus esforços e pensamento e sabedoria, em especial aos meus pais pelo amor e confiança, aos meus familiares, amigos e a todos os meus companheiros que colaboraram na realização do trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiríssimo lugar, pela realização desta monografia, que diante dos obstáculos me deu força, coragem e sabedoria para continuar, ao meu orientador, Luiz Alves de Souza Junior pela serenidade e compromisso onde soube conduze-me de forma objetiva e eficaz, aos professores que deram o melhor de si para nos tornar os melhores profissionais, e aos meus colegas de curso pela amizade e dedicação. A escola campo e a todos que de certa forma colaboraram direto e indiretamente com a temática envolvida na pesquisa.

Quando o educador lê pela obrigação de estudar, perderá o sabor de a leitura ser um pouco insosso. O professor deverá instigar o paladar do aluno temperando-o com inspiração por novas descobertas. É da natureza do aprendiz o espírito explorador, que anseia encontrar.

Eugênio Cunha.

RESUMO

A presente pesquisa faz uma abordagem a cerca do tema: Dificuldade de Aprendizagem na leitura e escrita nas séries iniciais no ensino fundamental, assim a mesma faz alusão a cerca da temática: Dificuldade de Aprendizagem, Constatou-se que muitos alunos tem dificuldades na leitura e escrita e passam até medo de produzir textos. As dificuldades de aprendizagem estão no cotidiano de sala de aula o que tem provocado atualmente muitas discussões no âmbito escolar desencadeando vários estudos. Para compreender melhor esses problemas, alguns estudiosos tem desenvolvido trabalhos sobre o processo de aprendizagem; entre eles Jean Piaget, Vigotsky e Emilia Ferreiro e outros aos quais esse trabalho foi fundamentado. O enfoque do presente trabalho está voltado para as dificuldades de leitura e escrita, que tem sido uma questão bastante discutida, devido o fracasso da escola em fazer os seus alunos ler e escrever. As dificuldades de leitura e escrita conduzem os alunos a outras dificuldades, já que todas as disciplinas necessitam dessa prática para a interpretação e orientação nas atividades escolares. Muitas crianças não conseguem superar essas dificuldades e acabam desistindo da escola por falta de orientação pedagógica e falta de apoio familiar. Alguns casos são mais difíceis de solucionar, pois, precisam de um acompanhamento, foi com intuito de conhecer aos fatores que causam as dificuldades de leitura e escrita que foi realizado esta pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Dificuldade.Aprendizagem.Leitura.Escrita.

ABSTRACT

This research is an approach about the issue: learning difficulties in reading and writing in the series entered public school, so around the same alludes to the theme: Learning disabilities, found that many students in reading and harder it is writing and are afraid to produce texts. The harder it is learning in the classroom condition which has caused many discourses currently in the school triggered several studies. To better understand this problem, some scholars have done work on the learning process, including Jean Piaget, Vygotsky and Emilia Ferreiro and others to whom this work was based. The hang of this work is focused on the difficulties of reading and writing, which has been a highly politicized issue, due to the failure of the school to make their students read and write. The difficulties of reading and writing students lead to other difficulties, since all the disciplines needed for the interpretation of this practice and guidance in school activities. Many children cannot overcome these difficulties and end up quitting school due to lack of mentoring, lack of family support. Some cases are more difficult to solve, therefore, need a follow-up was in order to understand the factors that cause difficulties in reading and writing that was conducted this research.

KEYWORDS: Difficulty, Learning, Reading, Writing.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1 – METODOLOGIA.....	14
1.1 Tipos de pesquisas.....	14
1.2 Procedimentos metodológicos.....	14
1.3 Universo da pesquisa.....	15
CAPÍTULO 2 - AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA.....	16
2.1 A importância da parceria do professor na construção da leitura e da escrita.....	17
2.2 Dificuldades da leitura e escrita em sala de aula.....	20
2.3 As crianças com dificuldade de aprendizagem devem receber mais atenção.....	23
2.4 A importância da boa relação entre professor e aluno.....	24
2.5 Dificuldades na aquisição das práticas sociais- Leitura e escrita.....	26
2.6 A alfabetização tradicional e contemporânea.....	28
CAPÍTULO 3 - ANÁLISE E DISCURSO DOS RESULTADOS.....	31
3.1 Definições do ler e escrever.....	31
3.2 Fatores que interferem na aprendizagem da leitura e escrita.....	32
3.3 Dificuldades de aprendizagem.....	32
3.4 Estratégias e metodologias utilizadas em sala de aula.....	34
CONCLUSÃO.....	35
REFERÊNCIAS.....	37
APÊNDICE A – Questionário.....	39
APÊNDICE B – Cronograma.....	40
ANEXO A - Carta de Encaminhamento.....	41

INTRODUÇÃO

A importância da leitura e escrita vem se manifestando há milhões de anos, quando por necessidade, o homem primitivo iniciou-se a prática da escrita em enormes pedras localizadas em cavernas, tudo isto devido ao registro das comercializações, como as compras e trocos comerciais, essas representações eram realizadas por meio de figuras, em que pouco a pouco foi se aprimorando até chegar aos dias de hoje, representados por grifos, letras, o que ainda não deixa de ser figuras, aliando-se ao exercício da leitura e conseqüentemente ao conhecimento, a comunicação verbal e escrita.

Contudo a humanidade vem tomando consciência do poder intelectual que desenvolve, e criando estratégias que facilitem e aprimorem seus conhecimentos, na busca de conhecer-se e conhecer o mundo que está a sua volta, buscando na escrita, na codificação e decodificação, registrar sua história. Assim o homem passa a inteirar-se a partir do domínio de todos estes signos naturais, linguísticos, históricos, que passam a se entrelaçar à cultura, à sociedade e à vida da humanidade. Ler e escrever se tornou algo importante até mesmo para fatos do cotidiano.

Nesse contexto histórico são várias concepções que dizem respeito à linguagem e a escrita. Muito se fala sobre ambos. E o mais interessante é que, quando se fala do processo de suas aprendizagens, pode-se compreender o quanto ele é complexo, o que implica o processo de leitura e escrita, quais as dificuldades que os educandos têm em relação a este processo. Por esta razão o professor deverá estar atento, as crianças independente do motivo apresentam dificuldades para aprender. Pois em geral as dificuldades de leitura e escrita conduzem a outras dificuldades de aprendizagem.

As crianças que não conseguem aprender a ler e escrever acabam por fracassar em várias disciplinas escolares que implicam o conhecimento da linguagem, dificultando assim seu dia-a-dia. É neste contexto que o principal objetivo desta pesquisa é investigar as dificuldades de aprendizagem no processo de aquisição da leitura e escrita nas séries iniciais do ensino fundamental, afim de refletirmos sobre as iniciativas a serem adotadas diante dos problemas detectados.

A pesquisa desenvolvida é de caráter exploratório, processado através de um estudo de campo, dentro da abordagem qualitativas, interpretativa, proporcionando uma relação dinâmica entre o mundo real e sujeito, mantendo assim, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito.

Foi aplicado questionário nas escolas da rede municipal de ensino fundamental da cidade de Parnaíba-PI, a fim de unir a teoria e a prática dos nossos educadores em relação a leitura e escrita, além de descobrir quais as maiores dificuldades encontrados para a atingir sucesso neste aprendizado. Vários fatores foram fundamentais, porém um dos fatores que mais se destaca, é a questão das verdadeiras práticas dos educadores, que embora vejam estes dois pressupostos como critérios inigualáveis para o conhecimento, muitos deles não só falam e acabam esquecendo o principal, de agir.

Apresente pesquisa esta construída da seguinte maneira. No primeiro capítulo, abordaremos a metodologia da investigação, evidenciando o tipo de pesquisa, procedimentos metodológicos e o universo da pesquisa. No segundo capítulo será abordado a discussão sobre a aquisição da leitura e escrita e como fatores preponderantes para o desenvolvimento cognitivo e também porque não dizer social dos cidadãos, além de ressaltar a importância do professor neste processo, bem como sua prática.

Por fim no terceiro capítulo, a referência se faz a alfabetização, ou seja, ao momento em que vai conhecendo os signos e seus significados e aborda a pesquisa realizada nas escolas municipais da cidade de Parnaíba, com intuito de relacionar a teoria e a prática, e a realidade vivida neste contexto. Espera-se que as observações realizadas nesta pesquisa, possam de alguma maneira contribuir para o entendimento do tema. Não temos a pretensão de esgotar o assunto, pois essa temática, sem dúvidas é um campo de investigação que tem muito a ser explorado, por tanto esperamos construir uma educação de qualidade que desenvolver o senso críticos dos alunos em sala de aula.

PROBLEMA

Quais os fatores que incidem na dificuldade de aprendizagem da leitura e escrita nas séries iniciais?

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Investigar os fatores que incidem na dificuldade de aprendizagem da leitura e da escrita nas séries iniciais.

OBJETIVOS ESPECIFICOS

Detectar as principais dificuldades dos alunos nas séries iniciais no processo de aprendizagem;

Analisar a relação do professor com a dificuldade de aprendizado dos alunos nas séries iniciais;

Investigar a aplicação dos métodos de aprendizagem, nas escolas municipais de séries iniciais.

JUSTIFICATIVA

No ensino fundamental, o eixo da discussão, no que se refere ao fracasso escolar, tem sido a questão da leitura e da escrita. Sabe-se que no Brasil os altos índices de repetência nas séries iniciais estão diretamente ligados à dificuldade do aluno em aprender a ler e escrever.

Compreende-se que a aprendizagem ocorre no decorrer da existência do indivíduo, como um processo natural do ser humano.

O tema abordado neste trabalho visa elucidar os fatores que incidem o fracasso escolar, mais precisamente nas dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita das séries iniciais.

Nosso interesse por estudar o assunto foi despertado durante as aulas de observação da IPP, onde tivemos a oportunidade de perceber a dificuldade de alguns alunos

na aprendizagem

A finalidade social da presente pesquisa trará uma nova concepção para as escolas e professores, numa melhor aplicação dos métodos de aprendizagem, seja tradicional ou contemporâneo, buscando combater o grande índice de reprovação existente nas escolas.

CAPITULO 1

METODOLOGIA

1.1 TIPO DE PESQUISA

A pesquisa desenvolvida é de caráter exploratório, sendo assim, processado através de um estudo de campo. Neste sentido, optamos por uma abordagem qualitativa, interpretativa e fundamentada nos teóricos apresentados. Já que esta proporciona uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, mantendo assim, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito.

Chizzoti (2006, p.52) comenta que:

A abordagem qualitativa fundamenta-se em dados coligidos nas interações interpessoais, na coparticipação das situações dos informantes, analisados a partir da significação que estes dão a seus atos. O pesquisador compreende, participa e interpreta.

No que diz respeito aos instrumentos, utilizamos observações e aplicação dos questionários abertos aplicados a quatro professores das séries iniciais do ensino fundamental.

Em relação à observação e ao questionário, Chizzotti (2006,p.55,91) diz que:

Observação participante é obtida por meio do contato direto do pesquisador como o fenômeno observado, para recolher as ações dos atores em seu contexto natural, a partir de sua perspectiva e dos seus pontos de vista. E o questionário consiste em um conjunto de questões pré-elaborados com objetivo de suscitar dos informantes respostas por escrito ou verbalmente.

1.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As coletas de dados foram realizadas em uma escola municipal da cidade de Parnaíba-PI. Tendo como objetivo investigar as dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita nas séries iniciais do ensino fundamental, bem como observar as práticas de ensino e as dificuldades encontradas pelos educadores nesse processo educativo.

O questionário aberto foi aplicado a quatro docentes, sendo estruturado em cinco questões, não exigindo identificação dos mesmos. Primeiramente foram realizadas as

observações nas salas de aulas, dessa forma, pôde-se constatar alguns procedimentos adotados no processo de ensino aprendizagem.

Numa segunda etapa, aplicou-se o questionário, com o intuito de coletar dados acerca do assunto em discussão, as informações colhidas foram transformadas em categorias de análise e interpretados de maneira generalizada.

1.3 UNIVERSO DA PESQUISA

A realização da pesquisa foi realizada na Unidade Escolar José Alexandre Caldas Rodrigues, escola pertencente ao município, localizada no bairro Nova Parnaíba, na cidade de Parnaíba - PI.

CAPITULO 2

AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA

O processo de aprendizagem envolve diferentes formas de interação do conhecimento. De acordo com Barros (1993), trata-se de um processo pessoal que tem um início um desenvolvimento e um fim. Para os behavioristas, a aprendizagem significa modificação de comportamento à aquisição de novas respostas ou reações e consistiria em adquirir, após condições especiais, novas reações a estímulos antes indiferentes ou neutros.

Segundo Fernandes (1991), a aprendizagem é a modificação que ocorre na conduta mediante a experiência ou pratica, sendo um processo dinâmico, vivo, global, contínuo e individual, exigindo modificação. É um processo pessoal, dependendo do envolvimento de cada um, de seu esforço e de sua capacidade, aprendendo-se aos poucos e cada um de acordo com seu ritmo próprio. Um ambiente altamente estimulador e importante na aprendizagem.

→ Para aprender, é fundamental a clara percepção da situação que o conceito envolve, é necessário sentir a situação como um todo, elaborá-la internamente levando-se em conta nossa experiência pessoal com respeito aquele conceito. Tudo se aprende em todas as partes. De acordo com Falção (1995), competência e habilidade transformando, selecionado, escolhido, projetado. É a maneira de utilizar habilidades, um processo de aprimoramento das mesmas, ininterrupto, que não tem fim.

Acredita ser um fenômeno a ser construído passo a passo, dependendo, por vezes, do aprendido e é essencialmente custoso. O ser humano tem limites e competências. Para ele, habilidade pode se entendida como um processo que flui na e de natureza, tanto física como social, no mais das vezes, insistimos diferentemente em cada, ser humano para sua manifestação e aprimoramento.

Habilidades podem ser definidas como jeito, destreza, conhecimento, capacidade técnica, são audíveis e imensuráveis, habilidades tem fim, mas não competência, e a escola devem desenvolver habilidades de seus alunos para pensar e fornecer o conhecimento consistente. Criamos nossas próprias habilidades a partir do contexto sócio cultural, físico e intelectual.

Jean Piaget foi o formulador da teoria do desenvolvimento da inteligência humana e é hoje considerado por muitos como o mais importante teórico nesta área. Este cientista descobriu que o aprendizado é um processo gradual no qual a criança vai se capacitando em níveis cada vez mais complexos do conhecimento, seguindo uma sequência lógica do pensamento. Para Piaget, A inteligência é um dom, é uma construção.

Ao agir sobre os objetos e as situações, a criança vai criando esquemas cognitivos, reconstruindo o mundo ao mesmo tempo em que constrói a sua inteligência. Os esquemas cognitivos são ferramentas mentais que nos permitem apreender a realidade. Estes esquemas não são ensinados: são construídos a partir da interação da criança com adultos significativos (mãe, pais, irmãos, professores, colegas etc.), objetos e situações.

A construção do conhecimento se faz em etapas ou estágios. Em cada estágio, a criança possui um repertório de esquemas cognitivos que lhe permite compreender e atuar sobre a realidade. Não é possível suprimir um estágio na construção da inteligência, embora existam diferenças no tempo em que uma criança demora a passar de um estágio para o outro. Portanto, pode-se dizer que existem um funcionamento inteligente em cada estágio em que a se encontra.

Se exigimos dele uma aprendizagem acima das possibilidades do seu estágio de pensamento, para o qual ele não possui esquemas, essa aprendizagem poderá não ocorrer, ou não será uma aprendizagem real, mas uma mera repetição automática de modelos sem significado cognitivo e, seguramente, sem envolvimento afetivo positivo por parte da criança (alegria, prazer de aprender).

2.1- A IMPORTANCIA DA PARCERIA DO PROFESSOR NA CONSTRUÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA.

Formar leitores faz o processo de emancipação de vários cidadãos, é o ato da leitura e da escrita conduz á um processo de conhecer, de aprender novos significados que ajuda aos educandos viverem com mais plenitude. Um dos primeiros passos nesse sentido é a oferta de uma educação que esteja próxima a realidade de cada educando, que suscite sugestões e ações significativas para sua vida.

Gadotti (2003, p. 21) afirma que:

O papel da educação não pode ser confundido apenas com sua ligação fundamental e intrínseca com o conhecimento e, muito mesmo, com a pura transmissão de informações. Educação no mundo globalizado tem função menos selecionadora e mais organizadora do conhecimento.

É importante dizer que o professor não é a única variável a interferir no processo de aprendizagem, mas é que sem dúvida o professor possui um papel muito importante para o desenvolvimento dos indivíduos das escolas. O professor que conhece esse processo de evolução da escrita detecta a hipótese a qual o seu aluno se encontra, poderá propiciar-lhe conscientemente o melhor desenvolvimento.

Segundo Emílio Ferreiro: “O ato de conhecer quais são esses processos de compreensão infantil dota o alfabetizador de um valioso instrumento para identificar momentos propícios de intervenção nesse processo”. (Ferreiro, 1993, p. 25). Conhecer as hipóteses utilizadas pelos alunos na construção da escrita favorece ao professor aplicar atividades que possibilitem avanços nas aprendizagens. Quanto melhor o professor entender o processo de construção do conhecimento, mais eficiente será seu trabalho.

O professor deve ser um parceiro na aprendizagem dos seus alunos. É fundamental que o professor crie um ambiente que facilite situações de diálogo e participação do qual seja possível que os alunos se sintam seguros sem medo de errar. Para o estabelecimento desse ambiente o professor deve mostrar confiança á seus alunos a partir do respeito mútuo, acreditando sinceramente nas capacidades dos mesmos e os incentivando com atividades desafiadoras que favoreçam a observação do processo.

Outro fator fundamental para um melhor desempenho do aluno é o afeto, pois se sentindo seguro e valorizado o aluno não terá medo de errar testando suas hipóteses certamente poderá avançar no processo de construção do conhecimento. Atualmente fala-se muito da importância de se partir das experiências das crianças, a questão do conhecimento prévio, de aceitar os erros que a criança produz, tendo os erros o mesmo valor que os acertos, rever os métodos de alfabetização, de conhecer os processos de aquisição da língua escrita

O docente não pode deixar seu papel de mediador do processo pedagógico para ser apenas um mero participante que não estimula a pesquisa e o esforço se contentando com a transmissão de soluções já prontas. A aprendizagem da leitura constitui uma relação simbólica entre o que se deve dizer e diz com o que se vê e lê.

A leitura deve ser vista, igualmente, como um fenômeno duplo que envolve o compreender e a compreensão. É necessário fazer uma distinção entre ler e aprender a ler. Ler é estabelecer uma comunicação com textos, por meio da busca da compreensão.

A aprendizagem da leitura constitui uma tarefa permanente que se enriquece com novas habilidades na medida em que se manejam adequadamente estes textos cada vez mais complexos. Por isso, a aprendizagem da leitura não se restringe ao primeiro ano de vida escolar. Atualmente, sabe-se que aprender a ler é um processo que se desenvolve ao longo de toda a escolaridade e de toda a vida. (ZILBERMAN, 1998, p. 13).

Segundo Ferreiro e Teberosky (1991, p.13) as crianças antes de sua entrada para a escola, já tem construções mentais sobre leitura e a escrita e não se limitam a receber passivamente os conhecimentos. De acordo com os autores, a criança que chega à escola já é um bom leitor do mundo. Deste muito novo começa a observar, a antecipar a interpretar e a interagir, dando significado aos seres, objetos e situações que a rodeiam. Ele utiliza estas mesmas estratégias de busca de sentido para compreender o mundo letrado.

Ainda para os autores, essa aprendizagem natural da leitura deve ser considerada pelo professor e incorporada as suas estratégias de ensino, com o fim de melhorar a qualidade desse processo contínuo iniciando no momento em que a criança é capaz de captar e atribuir progressivamente na ação de ler numerosos e variados textos.

O trabalho de leitura, na escola, tem por objetivo levar o aluno a análise dos autores e buscar no texto os elementos básicos e os efeitos de sentido. É importante que o leitor se envolva se emocione e adquira uma visão dos vários materiais de portadores de mensagem presentes na comunidade em que se vive. (ZILBERMAN, 1998, p.18).

Ficar evidenciado que a leitura e a escrita são de estrema importância para construção do saber. Kleiman (1989) redefine o ato de ler.

Como construção de sentido ou interpretação dada por leitores com competências específicas, identificados por posições e disposições na sua prática de ler. A leitura acontece quando se produz o sentido e quanto mais informações, experiências de leituras, mais consciência na formação de sentido terá o leitor, pois além de que se encontram nas linhas é preciso atender também as entre linhas.

Só quem lê interpreta, questiona, estabelece julgamentos do que e deve fazer, exercendo a sua cidadania. Só quem lê pode mudar a realidade para melhor.

2.2- DIFICULDADES DE LEITURA E ESCRITA EM SALA DE AULA

No processo de aquisição de leitura e escrita é perceptível o quanto existem várias pessoas com dificuldades em aprender, o que às vezes a figura do educador acaba responsabilizando o educando pelo seu fracasso e não conseguir de maneira tão satisfatória esta aquisição nas séries iniciais. Esta relação do aprender e do não aprender acaba ficando como se fosse um acúmulo de informações, tentando descobrir quem é o culpado.

De acordo com Mizukami (1986), a relação cotidiana entre professor e aluno precisa ser horizontal e não importa. Sendo assim, para que o processo educacional seja real é necessário que o educador se torne educando, por sua vez, educador. Quando esta relação não se efetiva, não há educação. O homem assumira a posição de sujeito de sua própria educação e, para que isso ocorra, deverá estar conscientizado do processo. Portanto, é muito difícil participar de um processo educativo que por sua vez, é processo de conscientização, a menor que haja consciência de si mesmo e de tal processo. Para a autora é fundamental se considerar que:

Um professor que esteja engajado numa prática transformadora procura desmistificar e questionar, como o aluno, a cultura dominante, valorizando a linguagem e cultura deste, criando condições para que cada um deles analise seu contexto e produza cultura. (MIZUKAMI, 1986, p.99).

Os conteúdos dos textos utilizados serão constantemente analisando, no sentido de expressarem não apenas os pontos de vista do autor, mas também do grupo social e cultural que representam. O professor procurará criar condições para que, juntamente com os alunos a consciência ingênua seja superada e que estes possam perceber as contradições da sociedade e grupos em que vivem. Um contexto interdisciplinar é essencial ao conhecimento da leitura e escrita, claro que o professor precisará estar atento para que haja preocupação com cada aluno em si, com o processo e não com produtos padronizados de aprendizagem acadêmica.

O diálogo precisa ser desenvolvido, ao mesmo tempo em que são oportunizadas a cooperação, a união, a organização e a solução em comum dos problemas, frisando a questão dos valores, ou seja, proporcionando a ajuda mútua, tanto entre educandos, quanto de educandos e educadores. Os alunos, pois, participarão dos processos junto com o professor. Como competência e compromisso político, os profissionais serão capazes de determinar a quem vão ensinar o que vão ensinar qual a duração do ensino e qual o desempenho que esperam dos educandos.

De modo que o professor não seja apenas um transmissor de conteúdos como sujeitos e objetos, mas seja sujeito de sua ação, através de uma prática questionadora, crítica e consciente. Segundo Gadotti (1993).

È preciso reconhecer, inicialmente, que nem todo saber resume-se no saber comum escolar. A vida é também uma grande escola, pois aprendem coisas essenciais. O saber essencial das classes populares não será apenas ensinado pela burguesia técnica burocratizada. A tarefa do educador consistira justamente em buscar as expectativas, as contradições, as possibilidades de construção de uma outra escola, crítica, criativa, capaz de atender ao interesses de outra classe e não daquela que hoje está no poder.

Assim Zabala (1998,p.92) nos apresenta uma série de funções dos professores, que tem como ponto de partida o próprio planejamento e de acordo com seus estudos pode-se caracterizar essas funções da seguinte maneira.Planejar a atuação docente, contar com as contribuições e os conhecimentos dos alunos, tanto no início das atividades como durante sua realização: ajudá-lo a encontra sentido no que estão fazendo para que conheçam o que têm que fazer sintam que podem fazê-lo e que é interessante fazê-lo, estabelecer metas de alcance dos alunos para que possam ser superados com o esforço e a ajuda necessários; Oferece ajudas adequadas, no processo de construção do aluno, para os congressos que experimenta e para enfrentar os obstáculos com os quais se de para; Promover atividade mental auto-estruturante que permita estabelecer o máximo de relações com o novo conteúdo; Estabelecer um ambiente e determinadas relações presídios pelo respeito mútuo e pelo sentimento de confiança; Promover canais de comunicação que regulem os processos de negociação, participação e construção; Potencializar progressivamente a autonomia dos alunos na definição de objetivos; Avaliar os alunos conforme suas capacidades e seus esforços.

O trabalho pedagógico é sempre construído e reconstruído, avança e recua sobre a influência da escola e de fora da escola, dos educadores e mesmo do educandos. Tanto professores quanto as crianças não sabem para que esteja ali, qual é o sentido de tudo que fazemos, e qual a finalidade de tanto trabalho, tendo a dúvida se de fato vale a pena passar por todo este processo. Esta dúvida pode ficar assim anos e anos repetindo coisas sem sentido sem perceber que o trabalho pedagógico pode ser vivido com uma politica social, dinâmica e criativa. Torna-se violência pensar na pratica escolar em função do aluno ideal.

Como também não é possível pensar na prática escolar em função de uma população indiferenciada. A educação deve servir para descobrir métodos, caminhos e compreensões e de forma alguma para doutrinar. Só assim o educando passa a compreender o

mundo que o cerca. Mesmo o ambiente interferindo no desenvolvimento não basta esperar que todos os processos se moldassem por este fato. A tarefa principal do educador deve ser a de, pela observação instigar o exercício da inteligência do indivíduo acompanhando sua construção contínua.

Sendo o professor mediador do desenvolvimento ele precisa de recursos para tornar-se um facilitador e não um transmissor de informações. Através da curiosidade, acriança é capaz de romper os esquemas já existentes, ficando mais questionadora, apreciando situações de desafios, de resolver problemas, tendo a criatividade como principal característica. O questionamento, aspecto muito importante para o processo de aprendizagem, é considerado a mola propulsora do conhecimento e desenvolvimento humano.

A pesquisa é a busca de resposta adequada a situação, época e lugar em que se elaborar a questão. O questionamento como atitude interdisciplinar de um educador deve permear uma leitura do cotidiano escolar, identificando suas incoerências, possibilitando sua exploração e desafio na busca de teorias e práticas adequadas para penetrá-los, interpretá-los, desvendá-los, proporcionando novos conhecimentos ou sugerindo formas alternativas de interpretação do cotidiano escolar.

Organicamente, de acordo com Correia e Martins (2006), as dificuldades de aprendizagem têm etiologia neurológica, sendo desordens que interferem diretamente na recepção, na integração ou na expressão da informação, caracterizando-se comumente por uma discrepância acentuada entre o potencial estimado do aluno e sua realização escolar. No âmbito educacional, os autores acreditam que as dificuldades de aprendizagem refletem uma incapacidade ou impedimento para a aprendizagem da leitura, da escrita, do cálculo ou para aquisição de aptidões sociais.

Podemos dizer que, em geral, os alunos com dificuldades de aprendizagem manifestam na realização de algumas tarefas escolares, mas não necessariamente em todas, podendo se destacar em termos de inteligência, pode-se dizer que normalmente possuem inteligência dentro da média ou até mesmo acima da média.

Algumas das dificuldades de aprendizagem são: problemas familiares, disortográfica, disgrafia, imaturidade, falta de perseverança na execução das tarefas, problemas de saúde, hiperatividade, distúrbios psicossociais, deficiência motora, relacionamento interpessoal, deficiência visual, deficiência auditiva ou a escola que, muitas

vezes, não oferece oportunidades diversificadas de alfabetização. A complexidade de todos estes aspectos requer uma atenção especial do docente ou educador.

2.3- AS CRIANÇAS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DEVEM RECEBER MAIS ATENÇÃO

Para a autora o problema de Aprendizagem, por conseguinte, não são sinônimos de Dificuldades de Aprendizagem; eles tornarem-se desordem essencial no método de aprendizagem que obstruir muitas crianças e jovens de chegar um rendimento escolar satisfatório. A criança ou jovem com dificuldades de aprendizagem mostrar-se discrepância mental e o desempenho, desviando em efeito escolar insatisfatório. Os distúrbios de aprendizagem na área da leitura e da escrita podem ser atribuídos mais variadas causas. Orgânicas: cardiopatias, encefalopatias, deficiências sensoriais (visuais e auditivas), deficiências motoras (paralisia infantil, paralisia cerebral etc.), deficiências intelectuais (retardamento mental ou diminuição intelectual), disfunção cerebral e outras enfermidades de longa duração. Psicológicas: desajustes emocionais provocadas pela dificuldade que a criança tem de aprender, o que gera ansiedade, insegurança e auto conceito negativo.

Pedagógicas: métodos inadequados de ensino; falta de estimulação pela pré-escola dos pré-requisitos necessários à leitura e à escrita; falta de percepção, por parte da escola, do nível de maturidade da criança, iniciando uma alfabetização precoce; relacionamento professor-aluno deficiente; não domínio do, conteúdo e do método por parte do professor; atendimento precário das crianças devido à superlotação das classes. Sócio-culturais: falta de estimulação (criança que não faz a pré-escola e também não é estimulada no lar); desnutrição; privação cultural do meio; marginalização das crianças com dificuldades de aprendizagem pelo sistema de ensino comum.

Dislexia: um tipo de distúrbio de leitura que colocamos como causa porque provoca uma dificuldade específica na aprendizagem da identificação dos símbolos gráficos, embora a criança apresente inteligência normal, inteligência sensorial e receba estimulação e ensino adequados. Devido à falta de informação dos pais, dos professores da pré-escola e à dificuldade de identificar os sintomas antes da entrada da criança na escola, a dislexia só vai ser diagnosticada quando a criança estiver na primeira ou segunda série do Primeiro Grau. Nesse sentido, a dificuldade na leitura significa apenas o resultado final de uma série de desorganização que a criança já vinha apresentando no seu comportamento pré-verbal, não

verbal, e em todas aquelas funções básicas necessárias para o desenvolvimento da recepção, expressão e integração, condicionadas à função simbólica.

Segundo MYKLEBUST, (1997, p.83,84). Para a autora a dislexia, significa o que falta para completar na capacidade de simbolizar, o primeiro momento da existência a se fixar a criança de enfrentar acolhendo ou expressivamente com o ato ou efeito de representar a realidade, ou de preferência, com a imagem empregada da realidade, ou antes, com a simbolização da realidade, ou poderíamos, da mesma forma, chamar pelo nome do mundo.

2.4- A IMPORTANCIA DA BOA RELAÇÃO ENTRE PROFESSOR E ALUNO.

De acordo com Mizukami (1986), a relação cotidiana entre professor e aluno precisa ser horizontal e não importa. Sendo assim, para que o processo educacional seja real é necessário que o educador se torne educando, por sua vez, educador. Quando esta relação não se efetiva, não há educação. O homem assumira a posição de sujeito de sua própria educação e, para que isso ocorra, deverá estar conscientizado do processo. Portanto, é muito difícil participar de um processo educativo que por sua vez, é processo de conscientização, a menor que haja consciência de si mesmo e de tal processo.

Para a autora é fundamental se considerar que: Um professor que esteja engajado numa prática transformadora procura desmistificar e questionar, como o aluno, a cultura dominante, valorizando a linguagem e cultura deste, criando condições para que cada um deles analise seu contexto e produza cultura. (MIZUKAMI,1986,p.99).

Os conteúdos dos textos utilizados serão constantemente analisando, no sentido de expressarem não apenas os pontos de vista do autor, mas também do grupo social e cultural que representam. O educador procurará criar condições para que, juntamente com os alunos a consciência ingênua seja superada e que estes possam perceber as contradições da sociedade e grupos em que vivem.

Um contexto interdisciplinar e essencial ao conhecimento da leitura e escrita, claro que o docente precisará estar atento para que haja preocupação com cada aluno em si, com o processo e não com produtos padronizados de aprendizagem acadêmica. O diálogo precisa ser desenvolvido, ao mesmo tempo em que são oportunizadas a cooperação, a união, a organização e a solução em comum dos problemas, frisando a questão dos valores, ou seja, proporcionando a ajuda mútua; tanto entre educandos, quanto de educandos e educadores.

Os alunos, pois, participarão dos processos junto com o professor. Assim Como competência e compromisso político, os profissionais serão capazes de determinar a quem vão ensinar o que vão ensinar qual a duração do ensino e qual o desempenho que esperam dos educandos. De modo que o educador não seja apenas um transmissor de conteúdos como sujeitos e objetos, mas seja sujeito de sua ação, através de uma prática questionadora, crítica e consciente.

Planejar a atuação docente, contar com as contribuições e os conhecimentos dos alunos, tanto no início das atividades como durante sua realização: ajudá-lo a encontrar sentido no que estão fazendo, para que conheçam o que têm que fazer e sentir que podem fazê-lo e que é interessante fazê-lo, estabelecer metas de alcance dos alunos para que possam ser superados com o esforço e a ajuda necessários; Oferece ajudas adequadas, no processo de construção do aluno, para os congressos que experimenta e para enfrentar os obstáculos com os quais se de para; Promover atividade mental auto-estrurante que permita estabelecer o máximo de relações com o novo conteúdo; Estabelecer um ambiente e determinadas relações presídios pelo respeito mútuo e pelo sentimento de confiança; Promover canais de comunicação que regulem os processos de negociação, participação e construção; Potencializar progressivamente a autonomia dos alunos na definição de objetivos; Avaliar os alunos conforme suas capacidades e seus esforços.

O trabalho pedagógico é sempre construído e reconstruído, avança e recua sobre a influência da escola e de fora da escola, dos educadores e mesmo do educandos. Tanto professores quanto as crianças não sabem para que esteja ali, qual é o sentido de tudo que fazemos, e qual a finalidade de tanto trabalho, tendo a dúvida se de fato vale a pena passar por todo este processo. Esta dúvida pode ficar assim anos e anos repetindo coisas sem sentido sem perceber que o trabalho pedagógico pode ser vivido com uma política social, dinâmica e criativa. Torna-se violência pensar na pratica escolar em função do aluno ideal.

Como também não é possível pensar na prática escolar em função de uma população indiferenciada. A educação deve servir para descobrir métodos, caminhos e compreensões e de forma alguma para doutrinar. Só assim o educando passa a compreender o mundo que o cerca. Mesmo o ambiente interferindo no desenvolvimento não basta esperar que todos os processos se moldassem por este fato. A tarefa principal do educador deve ser a de, pela observação instigar o exercício da inteligência do individuo acompanhando sua construção continua.

Se o professor mediador do desenvolvimento ele precisa de recursos para tornar-se um facilitador e não um transmissor de informações. Através da curiosidade, a criança é capaz de romper os esquemas já existentes, ficando mais questionadora, apreciando situações de desafios, de resolver problemas, tendo a criatividade como principal característica. O questionamento, aspecto muito importante para o processo de aprendizagem, é considerado a mola propulsora do conhecimento e desenvolvimento humano.

A pesquisa é a busca de resposta adequada a situação, época e lugar em que se elabora a questão. O questionamento como atitude interdisciplinar de um educador deve permear uma leitura do cotidiano escolar, identificando suas incoerências, possibilitando sua exploração e desafio na busca de teorias e práticas adequadas para penetrá-los, interpretá-los, desvendá-los, proporcionando novos conhecimentos ou sugerindo formas alternativas de interpretação do cotidiano escolar.

2.5-DIFICULDADE NA AQUISIÇÃO DAS PRÁTICAS SOCIAIS - LEITURA E ESCRITA

É notável o quanto a dificuldade dos educandos das séries iniciais cresceu e vem crescendo, em relação à leitura e escrita, o que por muitas vezes esta dificuldade não é vista por um processo de avaliação contínuo e sim momentânea. Assim, atribuir baixo desempenho do aluno na aquisição da língua escrita à sua suposta deficiência cultural e linguística representam um grande preconceito para com os alunos das classes populares e falta de conhecimento sobre como a língua funciona.

Na concepção de Cagliari (2002,p.84), Soares (1987,p.41) e Smolka (2003,p.79):

Não existe língua superior e inferior, existem línguas diferentes, assim como há culturas diferentes entre as pessoas. A língua é um produto cultural, construída na inter-relação com o outro e cada grupo social possui um jeito de falar as diferenças não comprometem a comunicação, desde que sejam bem estruturadas, modo de as pessoas falarem diferentes um dos outros mas são compreensíveis.

Porém a sociedade discrimina os diferentes dialetos e privilegia um do outro, elege o dialeto imposto como padrão como sendo único modelo válido, a partir do status econômico e social das pessoas. De acordo com Soares (1987,p.56) "O critério de certo ou errado é uma questão política, econômica e social. Em uma sociedade capitalista, dividida em classe, há imposição dos valores da classe dominante sobre a dominada".

A escola como parte da sociedade reproduz esses valores, usa e quer ver usado por todos, a cultura e a língua escrita padrão da elite dominante. Assim na sala de aula, o professor, ao discriminar a forma de falar das crianças, contribui para seu fracasso uma vez que nega toda a sua cultura e identidade linguística.

Nesse mesmo enfoque, Cagliari (2002,p.20) continua enfatizar que “a criança que entra na escola e fala um dialeto estigmatizado pela sociedade leva um grande choque, ao perceber que tudo que ela conquistou e sabe sobre a língua é desconsiderado e, descobrindo logo que não pode corresponder ao que o professor espera dele, nesse jogo de desonesto, o melhor que pode fazer e desistir”.

Evade aumentado o número de alunos considerados meros fracassados. Assim as crianças que pertencem às classes dominantes ao chegar a escola, não encontram dificuldade de aprendizagem da língua escrita, pois já tem o domínio prático, aprendido com convívio do seu meio familiar. Apenas são levados a refletir, sistematizar sobre aquilo que já sabem. Por outro lado, por falta de oportunidades as crianças que pertencentes as classes desfavorecidas não tem esses conhecimento prático daquela língua padrão e a escola apenas as leva a reconhecer que existe uma maneira de falar e escrever considerado legitima, mas não a conhecer, produzir e consumir, isto é, a fazer o uso prático daquela língua padrão, ou seja, a função da escola é levar a criança ao seu desempenho linguístico, tanto no que se refere à expressão oral e escrita, possibilitando-lhe aquisição da língua padrão, sem contudo, subestimar a língua falada pelo seu grupo social.

O domínio da língua padrão, conforme Possenti (2000,p.40), “consiste, em especial, na aquisição de determinado grau de domínio da escrita e da leitura, isto é, que o aluno consiga escrever sem, traumas, diferentes tipos de textos e ler produtivamente também textos variados”. É o que hoje determina, o nível de letramento que, de acordo com Soares (2001,p.23), significa a habilidade do sujeito saber fazer uso competente dos diferentes tipos de materiais escritos, compreende-los e extrair informações para poder viver em uma sociedade que valoriza a informação.

De acordo Possenti (2000,p.48) ainda enfatizar que “o domínio da linguagem escrita de acordo com o modelo padrão, não se aprende através de exercícios, atividades de cópia e memorização, nem através do ensino de gramática como costuma fazer geralmente os professores”. A competência da leitura e escrita se constrói através de práticas significativa, contextualizada e afetiva de textos variados, sendo estas condizentes com a realidade destes alunos, o que torna um texto atrativo e de interesse, já que se trata de algo mais intimo mais próximo as suas práticas.

Baseado em Lemle (2003,p.56) e Cagliari (2002,p.82) afirma que:

A escola deve discutir as convenções sociais da escrita, assim como as questões políticas, e levar o aluno a entender como a língua funciona na sociedade, explicando que o dialeto da sua comunidade é tão bom como o dialeto de prestígio. Mas que dependendo da situação em que é usado um a outro, ou seja, a forma de falar, de acordo com o lugar e o status do ouvinte numa sociedade capitalista, a carreta consequência políticas, econômicas e sociais.

A escola tem a função de proporcionar a todos o desenvolvimento das habilidades linguísticas para que o sujeito possa participar da sociedade de igual para igual, tendo as mesmas oportunidades na vida, e assim, possa sair da exclusão e exercer a cidadania.

2.6 - A ALFABETIZAÇÃO TRADICIONAL E A CONTEMPORÂNEA

Para que a escola possa garantir o ensino competente e crítico da leitura e escrita, é preciso superar as práticas de ensino, processo sofrido de memorização, em que a criança lê e escreve sem saber para quê, apenas repete modelos predeterminados. Segundo Ferreira (2002,p.10), “A escrita pode ser concebida como um sistema de código e de representação. Como código, os elementos já vêm prontos e como representação, aprendizagem se constitui em uma construção pela criança”. Ao trabalhar a escrita como código o ensino privilegia os aspectos perceptivos e motor, relação grafia e som e o significado é desconsiderado.

Baseado em Barbosa (1990,p.30), afirma que o modo geral, “Os métodos tradicionais de alfabetização são caracterizados por um sistema fechado e o processo de aquisição da linguagem escrita é visto como algo exterior ao indivíduo”. A partir de então, esses métodos fazem uma análise racional dos seus elementos, partindo de aspectos simples para os complexos, ou seja, primeiro aprendem-se as letras e depois as sílabas, palavras e frases.

Nessa perspectiva, a aprendizagem é percebida como o somatório desses elementos mínimos. A aprendizagem torna-se, portanto, um processo mecânico, repetitivo, não levando em conta o contexto sócio - histórico e nem o desenvolvimento psicológico da criança. Exige-se dela adaptação ao método e não o método a ela.

Assim, não leva à criança a compreensão do texto uma vez que é cobrada uma leitura mecânica cuja compreensão é negada, a partir dos exercícios de interpretação de textos, que não permitem que a criança seja sujeito de sua leitura. Continuando com os

pensamentos de Barbosa (1990,p.7) “ É um equívoco ensinar a língua escrita a partir de partes menores, letras, sílabas, palavras de forma separadas, pois na vida a criança fala e interpreta, aprende a ler, ver as coisas no seu sentido completo e por inteiro e não parte”. Segundo este autor (p.40), as pesquisas demonstram que perceber as coisas por inteiro é mais significativo e relevante para as crianças. Elas entendem com mais facilidade quando têm a visão de todo. Nesse sentido, o texto é mais fácil de compreensão do que letras sílabas e palavras.

Deve-se, portanto, ensinar a partir de textos variados e significativos para as crianças. As pesquisas na área da leitura comprovam num lançar de olhos a criança percebe o todo da palavra. Ferreiro (2001,p.12), discordando dos métodos tradicionais, também afirma que “as dificuldades que as crianças enfrentam na aquisição da língua escrita são de ordem conceitual e não questão de fácil e de difícil, simples e complexo ou problema perceptivo, como pensam as teorias dos métodos”.

No processo de leitura, de acordo com Ferreiro(2001,p.21),” o leitor usa várias estratégias faz uma espécie de seleção, leitor se atém apenas aos índices úteis desprezando os irrelevantes, já na antecipação, prevê o que ainda está por vir”, com base em informação explícito e em suposições, antecipando o significado, se capta o que não está dito no texto de forma explícita, lê o que não está escrito e por fim na verificação há controle a eficácia ou não das demais estratégias, confirma ou não as especulações realizadas.

Não basta apenas dominar a técnica do ler e escrever, o educando precisa desenvolver a competência. Ser usuário de uma língua é saber fazer uso dos diferentes materiais escritos, se orientar e informar, saber falar, ler e escrever textos nas mais variadas situações sociais do mundo letrado. A apropriação do sistema da escrita é um processo complexo, que envolve tanto o domínio do sistema alfabético-ortográfico quanto à compreensão e o uso efetivo e autônomo da língua escrita nas praticas sociais do contexto em que essas práticas são requeridas.

Ler numa perspectiva critica é fazer julgamento, interpretação, juiz de valor. Nesse sentido, a compreensão do texto é mais importante do que o estudo dos aspectos gramaticais. A decodificação e um meio não um fim em si mesmo. Tem que haver a produção de sentido no ato de ler para que o aluno vá se constituindo como leitor dos vários textos que circulam à sua volta. Nessa perspectiva, é preciso se ter claro uma concepção de linguagem que oriente o trabalho com a leitura e a escrita.

De acordo Geraldi (1985,p.43), propõe uma concepção de linguagem, seja verbal ou não, baseada em Bakhtim (1986), que vai muito além da mera decodificação:

A linguagem é uma forma de inter-relação, mais do que possibilitar uma transmissão de informação de um emissor a um receptor, a linguagem é vista com um lugar de interação humana através dela o sujeito fala pratica ação a não ser falando, com ela o falante age sobre o ouvinte, construindo compromisso e vínculo que não pré-existiam antes da fala.

Logo, a leitura e a escrita estão em plena sintonia ao conhecimento a crítica, a reflexão, deixando de lado a simples memorização de signos e abraçando o real significado que vem por trás deles para assim o verdadeiro significado que vem embutido nas letras se manifeste de maneira consciente e inovadora.

CAPITULO 3

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A pesquisa tem como foco e fio condutor o processo de ensino e aprendizagem, com o intuito de investigar as dificuldades de leitura e escrita vivenciadas pelos alunos nas séries iniciais do ensino fundamental em uma escola pública de Parnaíba-PI. A análise e interpretação dos dados coletados, expressão da compreensão do fenômeno pesquisado, serão aqui considerados de grande valor, pois tem a função de enriquecer as teorias e conceitos adquiridos ao longo do trabalho.

Vale ressaltar que para a interpretação dos dados criou-se nomes fictícios para não expor a identidade em relatar as dificuldades presentes em suas salas de aula. Os nomes dos entrevistados se darão por letras do alfabeto, teremos professoras com seus respectivos caracteres: Professora 1, Professora 2, Professora 3, Professora 4.

3.1 DEFINIÇÕES DO LER E ESCREVER

Diante do questionário perguntou-se a compreensão do que é ler e escrever para os professores, os mesmos apresentaram as seguintes respostas:

P1: Identificar letras ou palavras ver e entender o que está escrito.

P2: são aquelas pessoas que interpretar e compreende o que leu, estabelecendo uma correspondência entre letra e som mas também estar apto a produzir texto.

P3: É conseguir ler e escrever palavras simples.

P4: Ler é decodificar os símbolos gráficos e interpretar. Escrever é repetir os símbolos e expressar ideias por meio deles.

De acordo com as respostas dos professores fica claro que todos conhecem o valor da leitura e escrita para o crescimento e o desenvolvimento do educando, tanto dentro como fora da sala de aula, favorecendo então para a formação social do sujeito.

Segundo Vigotsky (1998,p.104), a qualidade do trabalho pedagógico está associado a capacidade de promoção de avanços no desenvolvimento do educando que ao atingir uma etapa a criança adquire determinados conhecimentos e hábitos, onde a aprendizagem segue o ritmo de seu desenvolvimento.

Pois cabe ao professor influenciar de forma direta na vida, de seus alunos, refletindo o interesse e as expectativas para algo novo e imaginário.

3.2 FATORES QUE INTERFEREM NA APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA

Na segunda pergunta do questionário elaborado para os professores foi, seus alunos tem dificuldades de ler e escrever, justifique.

P1: às vezes.

P2: às vezes, por que tem alguns que não se interessa de estuda e isso é um motivo da criança está atrasada.

P3: sim, por que a família não ajuda e também a falta de interesse de muitos.

P4: às vezes

Através das observações confirmam-se as respostas dos professores, mas o que mais nos chamou atenção foi o fato que os pais não participam dessas dificuldades, dentro do processo ensino e aprendizagem acaba os prejudicando, assim agravando este processo ainda mais, deixando os professores sem direção diante das dificuldades apresentadas pelos educando no contexto escolar. Pois alguns alunos refletem a falta de hábito dos pais em relação à leitura.

Solé (1998), afirma que o ensino da leitura deve partir de concepções iniciais, onde a criança constrói as situações sociais da leitura, fora da escola.

As concepções de leitura que autora menciona deve estar ligada aos hábitos dos pais logo em casa e ao meio social em que a criança se encontra, pois as ações que trazem de casa fazem refletirem na escola, se a criança tem pais leitores ela também terá o mesmo hábito em gosta de ler.

3.3 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Perguntamos aos professores que desempenha um importante papel no processo de diagnóstico, quais as dificuldades que você como professor sentir na hora de trabalhar a leitura é escrita na sala de aula. Apresentamos, a seguir, as suas respostas:

P1: A falta de material de interesse de alguns alunos dificulta muito na aprendizagem.

P2: É a falta de interesse na parte dos próprios alunos, a não querer participar das atividades.

P3: Falta de atenção dos alunos e desinteresse dos mesmos.

P4: Falta de interesse.

Analisando as falas dos educadores entrevistados fica evidente de que a realidade das escolas parnaibanas não difere da realidade das demais escolas do Brasil, no que diz respeito o número de alunos com “dificuldades” de aprendizagem.

Segundo as respostas, os informantes perceberam que em suas salas existem crianças que apresentam dificuldades na capacidade de ler, compreender e interpretar texto, bem como na produção textual, onde são encontrados erros.

E ainda conforme os depoimentos, os professores afirmam que um fator agravante dessas dificuldades é a falta de interesse de alguns alunos que não querem aprender.

Segundo Morais (1997) é importante que exista por parte do professor uma preocupação em determinar precocemente a causa da dificuldade para aprender.

É de fundamental importância apontar que muitos desses problemas mencionados podem ser resolvidos em sala de aula e de modo progressivo, desde que se criem condições favoráveis para o aprendizado.

3.4 QUAIS TEÓRICOS OS EDUCADORES SE FUNDAMENTAM

Quando perguntamos que teórico da educação você se fundamenta na hora de desenvolver a leitura e escrita em sala de aula. Os mesmos apresentaram as seguintes afirmativas:

P1: Paulo Freire.

P2: Emília Ferreiro e Ana Teberosky.

P3: Magda Soares

P4: Vygotsky, Paulo Freire, Emília Ferreiro entre outros.

Na fala dos professores observamos que houve uma divisão nas respostas, Paulo Freire e Emília Ferreiro foram os mais citados.

Nessa categoria, os professores demonstraram conhecimento de grandes teóricos e seus pensamentos e os reflexos que esses trazem para as suas práticas, mesmo no caso de alguns professores que só mencionaram um teórico, ficando clara a importância dessas contribuições para uma prática significativa.

Para Freire (2008,p.98) a afirmação: a educação deve possibilitar ao homem a discussão corajosa de sua problematização deve coloca-lo em diálogo constante com outro e que o predispuesse a constante revisão, ou seja, a análise crítica.

No entanto, há de refletir sobre um dos grandes desafios postos para os educadores na atualidade, que é articular teoria e prática sem que esses aspectos se contraponham, mas se completem.

3.4 ESTRATÉGIAS E METODOLOGIA UTILIZADA EM SALA DE AULA

Perguntou-se aos professores que metodologia você utilizar para desenvolver as atividades de leitura e escrita na sala de aula, responderam que:

P1: Desenvolvo atividades prazerosas não cansativas onde a criança sinta o gosto pela leitura e escrita.

P2: Ditado, leitura individual e coletiva identificação de letras, realização de jogos e bingos.

P3: Textos para leitura e interpretação, ditados, palavras de uso do cotidiano dos alunos, alfabeto móvel, relação entre figura e escrita, atividades como caça-palavras, dentre outras.

P4: Através de história, músicas, produção de texto.

As respostas dadas pelos professores nos informam que a leitura e a escrita são trabalhadas a partir do lúdico e do conhecimento prévio do aluno envolvendo assim os conteúdos diários da sala de aula. Porém durante as observações conseguimos perceber que o lúdico fica um pouco de lado, prevalecendo então as cópias diárias que em variados momentos se estendem a tarde toda, refletindo cansaço e exaustão dos educando sobre os conteúdos desenvolvidos pelos educadores que se esquecem de fazer refletir a ação do texto sobre o aluno, o que entendeu ou deixou de entender diante do que foi lido ou produzido.

Ferreiro (1993,p.19) afirma:

[...] a cópia durante a aprendizagem exclui tentativas de criar representações linguísticas ou mensagens sintaticamente elaboradas, faz com que a escrita se apresente como um objetivo alheio à própria capacidade de compreensão. É ali para ser copiado reproduzido, porém não compreendido nem recriado.

A autora nos coloca que a cópia não forma leitores críticos capazes de perguntar-se, diante de um texto, se há razões para compartilhar do ponto de vista ou da argumentação do autor.

Foi possível perceber diante das respostas dos educadores que existem variados meios, estratégias e recursos que podem estar auxiliando o processo ensino – aprendizagem dos educandos dentro da árdua tarefa de aprender e ensinar, pois cabe ao professor buscar a capacitação e a renovação a presença constante dos pais dentro do processo de ensino que envolve o filho, contudo havendo esta promoção de entusiasmo dos educadores, pais e escola a educação só tem a crescer positivamente.

Portanto, a educação é uma característica que deve fazer parte da vida de qualquer ser humano, ela é que compõe todas as etapas da vida de um aprendiz, possibilitando-o a aprender possíveis conceitos.

CONCLUSÃO

Falar de dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita não foi nenhuma novidade, visto que este problema está no cotidiano escolar e tem sido vivenciado por muitas crianças. É um problema com vários fatores de influência e não se podem definir suas causas únicas e determinantes. Vivemos hoje com novas orientações e desafios em relação a leitura e escrita, a educação não cabe apenas repassar ou transmitir conhecimentos, mas favorecer a formação humana, desenvolvendo as potencialidades dos sujeitos, por meio de uma aprendizagem que conduza os alunos a aprender a pensar e a aprimorar habilidades necessárias ao enfrentamento com o mundo que ora se apresenta.

A escola, por ser um lugar onde encontramos diferentes aspectos sócio culturais é nela que se refletem essas dificuldades de aprendizagem. Nesse contexto cabe então a escola levar em conta essa diversidade, procurando meios para que os alunos possam progredir na suas aprendizagens. Deve ainda ter o compromisso de formar cidadãos autônomos, conscientes posicionados criticamente frente às informações as quais estão expostos diariamente, pois a realidade afirma a cada momento a necessidade e a importância do aprender a ler e escrever, como garantia de uma participação significativa dos alunos na vida social, cheias de novas tecnologias, portanto, a escola deve adequar sua ação pedagógica a essa nova realidade.

Não podemos dizer que seja uma realidade distante, mas, que falta muito para se concretizar essa nova ação pedagógica voltada para o aluno, como sujeito de conhecimento. A aprendizagem é um processo contínuo e um fenômeno complexo que envolve aspectos cognitivos, emocionais, orgânicos, psicossociais e culturais. E o resultado do desenvolvimento de aptidões e de conhecimento, o processo de aprendizagem é construído, individual e coletivamente.

Ao aprender o sujeito acrescenta novos conhecimentos aos que já possui, fazendo ligações àqueles que já existiam, para que a aprendizagem aconteça, inclusive o da leitura e escrita é preciso que haja uma ligação entre o que a criança já sabe e o que ela vai aprender, assim, os conteúdos precisam ser organizados de acordo com o acontecimento que ela já possui. Nos dias de hoje; em que a sociedade está cada vez mais centrada na leitura e escrita, ser alfabetizado, isto é, saber ler e escrever tem revelado condição insuficiente para responder adequadamente às demandas. Percebemos ser preciso fazer uso da leitura e da escrita no dia-a-dia e assim, assimilar a função social dessas duas práticas.

É necessário que pais e professores unam-se para trabalharem juntos não deixar que representações sociais interfiram no ensino aprendizagem. Para isso a postura do educador deve ter uma constante reavaliação de sua prática e uma análise crítica, sobre as sua potencialidade e sobre as possíveis dificuldades que interferem na aprendizagem de seus alunos.

Os dados da pesquisa revelam que os educandos das séries iniciais do ensino fundamental, apresentam grandes dificuldades no sentido de compreender e produzir textos. Muitas vezes o professor não tem consciência do seu real papel que é de auxiliar o educando a superar essas dificuldades para que o mesmo torne-se um cidadão de fato, capaz de transformar realidade que o cerca, através do domínio efetivo da leitura e escrita.

Assim, uma criança que tem o domínio da leitura e escrita que tem habilidades e competências refletidas pelo o gosto da leitura e da própria escrita de diferentes portadores de textos, em diferentes contextos, momentos, circunstância, dessa forma a escola e seus responsáveis estarão formando cidadãos reflexivos frente aos desafios que são impostos para o sucesso do ensino de qualidade e da ascensão da criticidade como meio relevante para o crescente desenvolvimento da leitura e escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.
- MOYSÈS, Lícia. **Aplicações de Vygotsky à educação**. Campinas, SP: Papirus, 1997
- CHIZZOTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- GERALDI, João Wanderley. **Texto na sala de Aula: Leitura e Produção**. 7. Ed. Cascavel: ASSOESTE, 1985.
- José, Elizabete de Assunção; COELHO, Maria Tereza. **Problemas de Aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1989.
- KATO, Mary A. (Org.). **No mundo da escrita: Uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.
- KLEIMAN, Ângela. **Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 1989.
- MARCUSHI, Luiz Antônio. **Da Fala para a Escrita: atividades e retextualização**. 8 ed. São Paulo: Ortez, 2007.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2005. (coleção primeiros passos).
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicolitti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo. EDU, 1986.
- MORAIS, Antônio Manuel Pamplona. **Distúrbios da Aprendizagem: uma abordagem psicopedagógico**. São Paulo: Edicon, 1997.
- SISTO, Fermino Fernandes (Org.). **Dificuldades de Aprendizagem no Contexto Psicopedagógico**. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- ZORZI, Jaime Luiz. **Aprendizagem e Distúrbios da Linguagem Escrita: questões clínicas e educacionais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- ZILBERMAN, Regina, (Org.). **Leitura Perspectivas Interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 1998.
- CARNEIRO, Moacir Alves. **LDB Fácil: Leitura crítico- compreensivo**. Petrópolis: Vozes, 1988.
- PIAGET, Jean, **Seis Estudos de Psicologia**. RJ: Frense. Universitária, 1985.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. São Paulo: Papirus, 1999.

FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua escrita**. 4. Ed. Porto Alegre: Artes médicas, 1991.

KATO, Mary Aizawa. **A concepção da escrita pela criança**. 2. ed. São Paulo, 1994.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 1993.

SOARES, Magda. **Linguagem e escrita: uma perspectiva social**. 8. Ed. São Paulo: Ática, 1998.

VIGOTSKY, Lev Seminovitch. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1988.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
CAMPUS PROFESSOR ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM NORMAL SUPERIOR

QUESTIONÁRIO

ESCOLA:

NOME DO PROFESSOR:

1) O QUE É LER E ESCREVER PARA VOCÊ.

2) SEUS ALUNOS TEM DIFICULDADES DE LER E ESCREVER, JUSTIFIQUE.

SIM

NÃO

ÀS VEZES

3) QUAIS AS DIFICULDADES QUE VOCÊ COMO PROFESSOR SENTIR NA HORA DE TRABALHAR A LEITURA E ESCRITA NA SALA DE AULA?

4) EM QUE TEÓRICO DA EDUCAÇÃO VOCÊ SE FUNDAMENTA NA HORA DE DESENVOLVER A LEITURA E ESCRITA EM SALA DE AULA?

5) QUE METODOLOGIA VOCÊ UTILIZAR PARA DESENVOLVER AS ATIVIDADES DE LEITURA E ESCRITA NA SALA DE AULA?

AGRADECEMOS SEU EMPENHO EM RESPONDER A ESTE QUESTIONÁRIO. ESTAMOS À DISPOSIÇÃO PARA ESCLARECER QUAISQUER DÚVIDAS QUANTO AO PREENCHIMENTO.